

# COMO A CULTURA DRAG CONTRIBUI COM O COMBATE À HOMOFOBIA NA MÍDIA

João Pedro Nigre Catucci<sup>1</sup>

Mariangela Barbosa Fazano Amendola<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a importância da cultura drag nas mídias atuais para entender como ela contribui de forma positiva em detrimento à comunidade LGBTQ+. Essa pesquisa pretende, por meio de levantamentos bibliográficos, explorar o surgimento do transformismo e da cultura queer que alavancaram o movimento, o esclarecimento sobre gêneros e o reflexo drag nos meios de comunicação. Apesar da representação transformista se fazer presente também fora da mídia, será explorado aqui como a presença de drag queens nas telas digitais e analógicas tem pacificado certos julgamentos e comportamentos do público cis.

**Palavras-chave:** Drag queens; comunidade LGBTQ+; gênero; homofobia; representação.

## 0. INTRODUÇÃO

A TV, o rádio e os outros demais meios de se transmitir uma mensagem têm aberto seu espaço e recebido a representação LGBTQ+ para levantar suas bandeiras. Diariamente em ascensão, o meio online serve como o principal canal de

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Unoeste - Universidade do Oeste Paulista.

<sup>2</sup> Docente Orientadora dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Publicidade e Propaganda da FACOPP, Doutoranda em Educação pela UNESP/Presidente Prudente; Mestre em Comunicação Midiática pela UNESP/Bauru; Especialista em Publicidade e Mercado pela ECA/USP; Graduada em Letras pela UNESP/Assis; Graduada em Pedagogia pela UNAREad/Araras; Contato: mariangelafazano@unoeste.br.

voz às minorias, propagando-se cada vez mais pela sociedade. Mesmo que ainda seja grande o preconceito, indivíduos continuam a realizar artes transformistas não só como uma expressão artística, mas política, social e ideológica. O reflexo disso dá bons frutos, e ao comprovar isso, é possível compreender sua importância.

O desafio da arte drag é o enfrentamento ao público que preserva os valores passados e condena práticas homossexuais. Provocar reflexões nesses indivíduos de opinião rígida, para aceitarem a diversidade de gênero, que reflete até mesmo na futura aceitação de jovens e adultos que se identificam fora da heterossexualidade, dá lugar à empatia, respeito, encorajamento e aceitação.

O problema que pretende ser abordado neste estudo será tratado através da união de argumentos para chegar a entendimentos sobre o porquê é importante apoiar e abraçar membros da comunidade drag na mídia, principalmente em publicidades e na internet. Entendendo este princípio, é possível assimilar a relevância dessa inserção cultural tanto para a desmistificação de ideais homofóbicas quanto para agregar certa credibilidade empática à marcas que veiculam-se à imagem representativa dos LGBTQ+.

## **1. AS RAÍZES DA HOMOFOBIA**

Mesmo que identidades de gênero opostas à heteronormatividade não sejam mais tratadas como doença desde 1990 pela Organização Mundial da Saúde, as práticas e comportamentos da comunidade LGBTQ+ provocam olhares críticos da sociedade conservadora. Diferir-se das práticas consideradas “normais” pela grande maioria da população mundial é motivo de mau julgamento, seja você apenas um homem ou mulher que se interessa pelo sexo oposto, indivíduo masculino ou feminino que passou por mudança de sexo, entre outras variáveis que se observa pelo mundo todo. Mott (2003) esclarece esse pensamento ao afirmar que a homofobia mostra hostilidade não só contra os homossexuais, mas igualmente contra o conjunto de indivíduos considerados como não conformes à

norma sexual. Não é bem visto perante os olhos do cidadão comum alterar ou nascer com uma essência diferente ao “politicamente correto” predominante na maioria.

O ódio e a opressão realizados por grupos homofóbicos afetam a comunidade LGBTQ+ através de diferentes formas de violência. Como afirma Molina (2011, p. 950), “a homofobia, preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e até mesmo assassinatos”. Mesmo com esse tipo de atrocidade proferida ao grupo, os conservadores não aceitam que certos comportamentos seus devam ser outorgados ou controlados, já que mesmo desrespeitando a comunidade gay sempre foram considerados práticas comuns em seu meio. Essa normalidade no olhar faz com que o argumento LGBTQ+ seja até mesmo taxado de coitadismo. O artigo “Identidade LGBT e capitalismo: a construção histórica da homofobia e as estratégias jurídicas para seu combate” argumenta sobre o assunto ao citar que:

Se a noção de homofobia hoje ganhou uma espessura política que nos permite visualizá-la em práticas em que antes eram naturalizadas, a difusão dos discursos sobre essa forma de discriminação e os concomitantes refino e eufemização da homofobia requerem uma reflexão mais detida sobre os limites dos instrumentos pensados até então para o combate da desigualdade entre gêneros e sexualidades. (SANTOS; SILVA, 2013, p. 112)

O conservadorismo social que origina todos os desafios na vida de um LGBTQ+ e alimenta a opinião imutável de seres devotos aos seus ideais parte de argumentos ultrapassados, vindos de uma época onde romper as barreiras era considerado impuro, criminoso ou até mesmo doente. A grande massa acaba se apoiando em preceitos religiosos e sociais, onde o ódio está implícito, para justificar seu repúdio. Santos e Silva (2013, p. 111) resgatam as palavras de outro pensador para trazer a tona este pensamento, citando que “nas palavras de Daniel Borrillo, a homossexualidade teve o terrível privilégio de, durante séculos, ser combatida como pecado, crime e doença.” Molina (2011, p. 950) também ajuda a reforçar esse ideal citando que “a homossexualidade foi ao longo dos tempos e das diferentes culturas,

motivo de punição, de vergonha, segregação e violência contra todos aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade”.

É necessário também ter consciência de que proferir e alimentar o ódio sobre a comunidade LGBTQ+ é sinônimo de privação. Os membros da comunidade são impedidos à direitos básicos de um ser humano comum, como demonstrar afeto e sentir-se confortável com seus sentimentos amorosos.

Amar alguém do mesmo sexo, entregar-se à dor e à delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural que os indivíduos estão inseridos. Um mundo que esconde as diversas faces do amor e prega um discurso heterossexista, levando a maioria dos homossexuais a uma árdua luta por sua identidade, autonomia e direitos. Direitos como seres humanos. Direito ao amor. (MOLINA, 2011, p. 949)

A pensadora continua seu argumento ressaltando que mesmo que o ser humano possua consciência plena de que todos temos desejos e sentimentos guiados por nossa natureza, a necessidade de manter uma postura social que respeita os preceitos ditos pela comunidade conservadora é mais forte. Molina (2011, p. 950) refere-se às questões afetivas na vida de um homossexual ao citar que “inerente a ponto de ser um direito humano inalienável, mas, devido à contradição social, mostra-nos ainda um direito inalcançável aos homossexuais.”

Para conscientizar o público conservador e dar mais liberdade à vida LGBTQ+, emissores midiáticos abrem espaço para membros da comunidade gay representarem sua luta por igualdade e respeito. Nessa dinâmica existe um desafio, de conscientizar a população sem ser ofuscado ou prejudicado pelas emissões que vão contra às ideias homoafetivas.

(...) apesar de o capitalismo lançar as bases materiais que possibilitam que gays e lésbicas tenham uma vida sexual autônoma, simultaneamente busca a imposição de normas de gênero que garantam a ordem sexual. Essa contradição nos permitirá visualizar que papel a opressão homofóbica cumpre no capitalismo. (SANTOS; SILVA, 2013, p. 118)

Os pensadores também ressaltam a necessidade de estratégias para evitar que a repercussão negativa do público tradicional se sobreponha ao retrato da causa LGBTQ+:

Faz-se necessário, portanto, que o movimento e todos aqueles engajados em sua causa estejam constantemente repensando as políticas e as pautas, para que se evitem as armadilhas de avançar projetos na direção de uma possível cooptação e assimilação. (SANTOS; SILVA, 2013, p. 107)

É possível observar que, além de privar indivíduos fora do núcleo heteronormativo à direitos básicos, a população conservadora alimenta essa abstenção através do boicote. A prática favorece seus pensamentos obsoletos e alimenta a razão de seus ideais que devem se manter imutáveis em respeito à tradicionalidade imposta pela opressão social. Grande parte desses preceitos partem do machismo, onde o homem se sobrepõe à mulher. Para esse tipo de público, não seguir a risca sua visão de masculino e feminino ou apresentar características e afeições que vão contra a “ordem natural” é motivo de crítica. Práticas machistas e homofóbicas, se analisadas, partem do preceito onde o macho é dominante.

O estudo de gênero e sua compreensão surgem pela forma como a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre os sexos pode servir como ponto auxiliar para compreensão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica como entes capazes de direitos e obrigações. (OLIVEIRA, 2009, p. 161)

## **2. DRAG NÃO É GÊNERO, É ARTE**

Mesmo que o conservadorismo social entre em conflito com a diversidade de gêneros, pautados sob uma visão antepassada da sociedade, certa manifestação artística famosa entre homossexuais têm aparecido cada vez mais em meio à mídia: a arte drag. Famosa no mundo inteiro, essa cultura é composta predominantemente de homens gays que realizam ilusões femininas através de figurinos, maquiagens e performances.

Figura 1: Shea Coulé, drag queen participante da nona temporada de RuPaul's Drag Race.



Fonte: [www.instagram.com/sheacolee](https://www.instagram.com/sheacolee)

Silva, Bandeira e Barros (2017, p. 01) definem drag queens ou transformistas como “(...) artistas performáticos que se vestem utilizando a imagem estereotipada e exagerada de feminilidade em suas apresentações”. Drag kings e transformistas também aparecem conectados a essa arte ilusionista, assim como os crossdressers, estes se diferenciando um pouco mais em questão de conceito se comparado aos demais citados.

Crossdresser: Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

Transformista ou Drag Queen/ Drag King: Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual. (JESUS, 2012, p.10)

A comunidade fora do meio LGBTQ+ apresenta certa dificuldade em entender o que significa a representação da drag queen. É comum que heterossexuais interpretem essa arte como transsexualidade, mesmo que drags sejam apenas personagens, enquanto transsexuais aquilo que realmente se identificam como gênero.

Considera-se importante diferenciar drag queens de travestis. Mesmo que sejam categorizados como cross-dresser, transformistas, ou ainda, homens que se vestem de mulher, ambos estão inseridos em meios sociais distintos, uma vez que as drag queens atuam sob um conceito mais flexível de travestismo. Embora sejam atores transformistas, as drags distinguem-se dos travestis por andarem, em seu cotidiano, vestidos de homens, exercendo também profissões diversas, não afeitas ao transformismo durante o dia. Travestis utilizam próteses de silicone e hormônios na constituição de seus corpos femininos, permanecendo travestidas em seu cotidiano, e não o fazem de maneira exagerada e caricata. (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 472)

É necessário entender que o transformismo da drag queen é “reversível”; funciona apenas como uma fantasia, enquanto pessoas que se identificam como trans abandonam seu gênero identificado fisicamente ao nascer para viverem seu verdadeiro eu, modificando não apenas seu estilo de vestir, mas também seu próprio organismo. Silva, Bandeira e Barros (2017, p. 02) afirmam que “a vivência de gênero de transformistas é de funcionalidade para fins artísticos e entretenimento. Drags vivem a inversão do gênero como espetáculo, não como 2ª identidade como é o caso das travestis e transexuais.”

Através desse transformismo mutável, antigamente usado apenas como meio intérprete do sexo oposto, drag queens expressam não somente sua arte, mas também seus ideais.

Observando a drag queen em seu contexto artístico, não é possível deixar de levar em consideração alguns aspectos que definem a forma em que se apresenta nos dias de hoje. Fatores sexuais, políticos e sociais permeiam o modo como a arte das drag queens foi construída, uma vez que está baseada e assentada no território sociossexual em que estão inseridas. Ao longo da história da arte, pode-se perceber vários momentos em que esse artista transformista é presente e que há uma transmutação na linguagem do transformismo até que se chegue à era contemporânea, não somente no Brasil, mas em um âmbito mundial. (AMANAJÁS, 2014, p. 3-4)

Começando dos primórdios, a arte transformista se faz presente em diferentes culturas desde o início dos tempos. Como na antiguidade não existia maquiagem, artistas recorriam a formas diferentes de retratar ambos os sexos no palco, como as máscaras, por exemplo.

Figura 2: Máscaras masculinas e femininas usadas no teatro grego.



Fonte: [www.falandodeartes.com.br](http://www.falandodeartes.com.br)

Na Grécia Antiga, apenas homens subiam aos palcos de teatro, sendo necessária toda uma caracterização, com diversos adereços, que convencessem o público de que se tratava de uma personagem feminina.

Clitemnestra, Medéia, Electra, Ifigênia e Antígona: todas essas personagens foram vividas por homens na antiga Grécia. É importante ressaltar que, naquela época, o ator usava não somente a máscara para interpretar papéis femininos; roupas e enfeitamentos também eram adicionados para a composição da personagem. (AMANAJÁS, 2014, p. 5)

A Ásia, mesmo com culturas predominantemente machistas, também carrega um histórico transformista entre suas culturas. Amanajás (2014) também resgata a arte do teatro Topeng, da Indonésia, dança com máscaras onde apenas homens interpretavam ambos os sexos; o Kathakali, da Índia, dança teatral composta apenas de indivíduos masculinos que davam vida a personagens femininos; e o Kabuki, no Japão, teatro onde também não existiam mulheres interpretando qualquer tipo de papel.

Figura 3:: Homens com máscaras femininas realizando Topeng.



Fonte: [www.balistariland-indonesia.blogspot.com](http://www.balistariland-indonesia.blogspot.com)

Figura 4: Homens realizando a dança indiana Kathakali.



Fonte: [www.utsavpedia.com](http://www.utsavpedia.com)

Figura 5: Interpretação feminina no Kabuki através de um homem.



Fonte: [www.inarivzw.be](http://www.inarivzw.be)

Muito do universo drag conhecido e observado hoje parte da cultura queer, uma expressão descompromissada em assumir por completo um único gênero imagético.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2012, p.8)

Foi a partir do queer que a arte transformista deu seus primeiros passos, se arriscando na ilusão do gênero oposto para se expressar de forma artística, política ou social. Assim como afirmam Chidiac e Oltramari (2004, p. 461), “os sujeitos que interpretam as drag queens manifestam esse jogo de identidades, de ambos os gêneros, configurando o que pode se identificar com uma identidade queer”.

Figura 6: Indivíduos pertencentes à cultura queer.



Fonte: es.phaidon.com

Mesmo que a maioria das drag queens visem atingir uma ilusão feminina, o queer permite que artistas do meio façam uma mistura entre os gêneros que resulta em uma expressão onde não há uma definição exata de masculino ou feminino,

como os andrógenos, por exemplo. Nesse tipo de expressão, tudo é fluído. Pombo (2017, p. 397) afirma que “uma sociedade sem gênero, andrógina, significa a crença na possibilidade de uma sociedade na qual a anatomia sexual não determinaria o que cada indivíduo é, faz ou com quem se relaciona sexualmente.”

A teoria queer tem sido amplamente discutida pelo movimento gay norte-americano como uma forma de ampliar a discussão sobre a identidade sexual, saindo do paradigma separatista do binômio que dicotomiza hetero/homo e masculino/feminino, ultrapassando assim a discussão sobre gênero. (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 473)

### **3. A IMPORTANTE LUTA E REPRESENTAÇÃO EM MEIO À HISTÓRIA**

O principal apoio da arte drag está no meio LGBTQ+, principalmente por grande parte dos praticantes dessa arte estarem inseridos nesta comunidade. Como a homossexualidade era mais marginalizada e condenada antigamente, o espaço para transformistas era basicamente inexistente. No Brasil, por exemplo, a ditadura militar que tirava a voz e liberdade de expressão de grupos e veículos de comunicação também repreendia as práticas e representações gays. Era necessário que os indivíduos homossexuais se atelassem aos não-concordantes do sistema político brasileiro da época para que pelo menos o mínimo de sua imagem fosse representada, conseguindo mais liberdade apenas com o fim do regime opressor.

A frente do movimento gay no Brasil dá-se um pouco depois da Europa e dos Estados Unidos. Após o período de ditadura militar, surgiu um movimento de liberdade de expressão sufocado por anos pela intensa censura e restrição dos direitos dos cidadãos. O tema homossexualidade começou a ser discutido timidamente em meados dos anos 60 e encontra voz, pela primeira vez, nos jornais anarquistas e contra-governo. (AMANAJÁS, 2014, p. 17)

Mesmo que a opressão política tenha libertado a voz LGBTQ+ nos anos 80, a predominância do vírus da AIDS na comunidade marginalizou mais uma vez o grupo e seus pertencentes.

Figura 7: Homossexuais participando do Wigstock, festival drag nova-iorquino destinado ao público LGBTQ+, em 1988.



Fonte: [www.huffpost.com](http://www.huffpost.com)

Homossexuais tornaram-se motivo de repúdio graças ao fato, obrigando de certa forma que sua bandeira fosse mais uma vez resguardada dos demais membros predominantes na sociedade, prejudicando a luta do movimento por igualdade e representação.

Na virada para a década de 80, a comunidade gay sofreu um baque que incitaria o terror nos olhares da sociedade. A devastação que a AIDS promoveu deixou mais uma vez as drag queens para escanteio, obrigando-as a, mais uma vez, confinarem-se em bares gays e, paulatinamente, desaparecendo da cena. O final dos anos 80 mostra um ressurgimento das drags em clubes gays e, para os adultos que haviam convivido com drags militantes da década anterior, a drag queen tornou-se algo essencialmente gay. (AMANAJÁS, 2014, p. 18)

É a partir dos anos 90 que a arte drag começa a fazer parte da gama de entretenimento tanto no Brasil quanto no mundo. Em clubes destinados aos membros da comunidade LGBTQ+, transformistas encontravam seu meio de se expressar.

Figura 8: representação drag registrada em agosto de 1993, nos EUA.



Fonte: [www.huffpost.com](http://www.huffpost.com)

As performances dessa manifestação consistem em grande parte nas dublagens de músicas, voguing e comédias stand-up, podendo apresentar cunho político ou apenas para diversão de seu público.

Os anos 90 chegam abraçando a drag queen de volta ao convívio da sociedade: drag agora possui a função de entretenimento, seja em lipsyncs (dublar uma música de alguma cantora de modo verossímilante ou caricatural), voguing ou em esquetes cômicas abordando principalmente a cultura e o universo gay através de zombarias, roupas conceituais e magníficas e de um dialeto próprio dessa comunidade. Não só entretenimento, os artistas drag posicionaram-se, mais uma vez, na frente da luta pelos direitos da comunidade gay, tomando a causa com um fervoroso ativismo político e tornando-se um dos símbolos mais significativos das paradas gay nos dois lados do Atlântico. (AMANAJÁS, 2014, p. 18)

Com ideais igualitários crescendo entre as mentes da sociedade moderna no século XXI, o manifesto drag começa a dar seus primeiros passos rumo à aceitação do público cis. O que antigamente era repudiado de primeira começa a atrair olhares e ganhar chances entre as pessoas que se diferem do meio LGBTQ+. A banalização da representatividade da figura feminina através de copos fisicamente masculinos, fruto dos preceitos machistas que acompanham o meio social desde os primórdios, começa a ser combatida na mente de alguns para dar espaço à atenção desses indivíduos.

Por excelência, essa forma artística foi vista por muitos e por um longo tempo como uma não-arte ou até como uma forma banal, descartável e, no mal sentido da palavra, popular. Designados a se restringirem aos guetos em que a comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) frequenta, os artistas drag queen hoje alcançam um espaço mais expandido, seja nos meios de comunicação e propaganda em massa ou no cenário artístico. (AMANAJÁS, 2014, p. 1-2)

Essa flexibilização do pensamento de alguns é fruto do crescente debate sobre direitos humanos. Com a modernidade constantemente em ascensão, as pautas de cunho social antigamente abandonadas, como é o caso da representatividade LGBTQ+, começam a gerar discussões. É a partir daí que drag queens também começam a aparecer na mídia como mediadoras do assunto.

Algumas das causas que tornaram possível o desdobramento dessa linguagem (assim como um maior acolhimento pelo público de diferentes esferas sociais) foram a crescente mudança de pensamento da sociedade em relação aos direitos humanos e cívicos da comunidade LGBTT, a reordenação da concepção de identidade sexual e a luta das minorias por um espaço de igualdade e respeito – fato que ainda está muito longe de ser alcançado em sua plenitude. (AMANAJÁS, 2014, p. 2)

RuPaul Charles, homem negro, homossexual e americano, é o principal porta-voz em meio a cultura drag mundial. Sendo a principal drag queen globalmente reconhecida, iniciando sua conquista de espaço a partir dos anos 80 e 90, seu show “RuPaul’s Drag Race” tem adentrado o meio mainstream para representar a cultura transformista e educar com diversão aqueles que não possuem tanta informação sobre a cultura e a comunidade LGBTQ+.

RuPaul elevou a arte das drag queens no mundo através de seus singles (Supermodel ficou em segundo lugar na Billboard, perdendo somente para I’m Every Woman de Whitney Houston), filmes, trabalhos como modelo fotográfica e de passarela e, desde 2009, comanda seu próprio reality show na televisão, onde drag queens de todo canto dos Estados Unidos concorrem ao título de próxima drag queen superstar, mostrando habilidades artísticas, desde atuação até confecção de vestidos de alta costura. (AMANAJÁS, 2014, p. 19)

Figura 9: A drag queen RuPaul em imagem promocional da 3ª temporada de seu reality show “Rupaul’s Drag Race: All Stars” em 2017.



Fonte: [www.midianews.com.br](http://www.midianews.com.br)

No Brasil, as principais representações drag começam a aparecer na mídia a partir da última década do século XX. Principalmente a partir desse período, a arte começou sua ascensão por terras brasileiras.

Figura 10: A drag queen brasileira Silvetty Montilla.



Fonte: [www.acritica.com](http://www.acritica.com)

Na época, a comédia era o principal caminho seguido por drags brasileiras, trazendo diversão principalmente à plateias homossexuais nas demais oportunidades abertas aos emissores.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir da década de 90, testemunhou-se o grande evento da drag queen da cultura pop, inserida tanto nos clubes gays quanto em outros eventos de ativismo e mídias. Dentre elas, podemos citar Salete Campari, Silvetty Montila, Nany People e Dimmy Kier, que construíram suas carreiras em cima de personagens cômicas, irreverentes e queridas pelo público de vários grupos sociais. (AMANAJÁS, 2014, p. 20)

Mesmo com os anos 90 marcando o início da crescente atenção às drag queens, práticas pertencentes à cultura transformista apareciam anteriormente dentro de programas cômicos da TV brasileira.

A entrada da Drag Queen na televisão brasileira se dá muito antes, entretanto: quem não se lembra da Vovó Mafalda ou de Vera Verão, ou de qualquer uma das mais de 50 personagens femininas construídas por Chico Anysio? E das frequentes aparições de algum dos trapalhões vestidos em drag? Ou, retrocedendo um pouco mais, no começo do cinema no Brasil, com Grande Otelo e Oscarito? (AMANAJÁS, 2014, p. 20)

Tanto atores heterossexuais quanto figuras homossexuais apareciam transvestidas nos televisores para entreter a sociedade brasileira com humor e alegria.

Figura 11: Vera Verão no programa “A Praça É Nossa”, exibido pela emissora SBT.



Fonte: [www.noticiasdatvbrasileira.com.br](http://www.noticiasdatvbrasileira.com.br)

Com a credibilidade drag e homossexual sendo abastecida conforme a sociedade caminha arduamente para um futuro igualitário, artistas drags começam a ocupar tanto palcos e telas quanto outros cargos sociais.

Figura 12: Dicesar, participante da décima edição do reality show Big Brother Brasil exibido pela Rede Globo, caracterizado em sua forma drag Dimmy Kier.



Fonte: [www.babado.ig.com.br](http://www.babado.ig.com.br)

Até mesmo no governo brasileiro, onde observa-se a figura heterossexual, conservadora e masculina em grande predominância, indivíduos homossexuais que também participam da arte drag começam a lutar por cargos neste meio a fim de obterem resultados que reflitam positivamente sobre a sociedade perante os LGBTQ+'s.

No presente momento, em todo o Brasil, pode-se citar outros artistas drag queens que despontaram nas últimas décadas: Natasha Racha, Tália Bombinha, Michelle Summer, Léo Áquila, dentre inúmeros outros. Não somente nos clubes e festas gays a drag queen acha espaço hoje em dia. Salete Campari, Dimmy Kier e Léo Áquila, por exemplo, já se candidataram algumas vezes a cargos políticos. Nany People e Silvetty Montilla estão presentes na televisão, no cinema e em peças cômicas. Montilla recentemente estreou uma web reality show inspirado em RuPaul's Drag Race para drag queens brasileiras: a Academia de Drags. (AMANAJÁS, 2014, p. 20)

#### **4. A REPRESENTATIVIDADE DRAG NA PUBLICIDADE PARA BENS SOCIAIS E MERCADOLÓGICOS**

Além de palcos, TV, música e outros demais meios artísticos e midiáticos que praticantes da arte drag encontram para expressar sua arte, a publicidade e a propaganda também têm aberto espaço para esses emissores LGBTQ+'s representarem a comunidade e levantarem suas bandeiras. O ato também visa a simpatia do público gay através do posicionamento a favor da igualdade social perante gêneros.

As empresas têm sido muito cobradas por atitudes socialmente responsáveis. Isso também passa pela comunicação e pelos valores veiculados em suas campanhas publicitárias. Não se trata de tolher a criatividade, evitar o humor ou tirar o brilho da propaganda. É possível manter todos esses atrativos e, ao mesmo tempo, cuidar com a forma que envolve a mensagem. Que a publicidade utilize seu poder de disseminação das mensagens para transmitir conceitos positivos, que contribuam para o desenvolvimento social. Todos ganham com isso, inclusive as próprias empresas. (BAGGIO, 2009, p. 14)

Realizando campanhas não somente para marcas e produtos voltados ao público homossexual ou simpatizante, drag queens tem tomado a dianteira de grandes nomes do mercado nacional e internacional para trazer representatividade à mídia tradicional. Serão apresentadas aqui algumas campanhas brasileiras comandadas imagetivamente por transformistas para exaltar a importância da representatividade perante o público cis, onde gêneros diferentes são colocados frente a frente através da transmissão da mensagem da marca.

Daniel Garcia Felicione Napoleão, que atende pelo nome artístico de sua drag queen Gloria Groove, é cantor, rapper, compositor, dublador e ator. Gloria começa seu sucesso pelo mundo da música brasileira, fato que abre portas para que grandes marcas se interessassem em usá-la como principal emissora de suas mensagens. Um exemplo veiculado no Carnaval de 2019 é a campanha “Fome Boa”, realizada pelo aplicativo de delivery iFood onde a drag queen parodiava sua música “Coisa Boa”.

Figura 13: Gloria Groove estampando a campanha “Fome Boa” do aplicativo iFood.



Fonte: [www.instagram.com/ifoodbrasil](http://www.instagram.com/ifoodbrasil)

A drag queen a mais crescer em meio a mídia brasileira também através da música é Pablo Vittar. Quem dá vida à personagem é Phabullo Rodrigues da Silva, que com apenas 24 anos já realizou trabalhos internacionais de grande porte, como em 2019 nas paradas LGBTQ+'s nos EUA e no festival americano de conhecimento mundial Coachella.

Figura 14: Pablo Vittar e Aquaria, vencedora da décima temporada de “RuPaul’s Drag Race”, no Coachella 2019.



Fonte: [www.instagram.com/pablovittar](http://www.instagram.com/pablovittar)

A artista já teve seu nome veiculado com empresas de grande porte, como a representante nacional da marca mundialmente conhecida Coca-Cola. A campanha consistia em uma votação onde Pablo e mais 8 artistas que também no auge do sucesso em 2017 competiam para ser um dos três vencedores da promoção que resultaria numa canção patrocinada pela marca contendo os tais ganhadores. Todos eles, assim como a drag queen, tiveram seus rostos estampados nas embalagens de Coca-Cola, veiculando suas imagens à companhia.

Figura 15: Latas produzidas para a promoção da Coca-Cola, onde uma das versões é de Pablo Vittar.



Fonte: [www.embalagemmarca.com.br](http://www.embalagemmarca.com.br)

Pablo também já estrelou campanhas de marcas destinadas principalmente para públicos mais segmentados, como no caso da aparição da marca Skol em seu videoclipe “Seu Crime”, em 2018.

Figura 16: Pablo Vittar exibindo a marca Skol em seu videoclipe “Seu Crime”.



Fonte: observatoriog.bol.uol.com.br

A marca, famosa principalmente em meio aos homens cis heterossexuais, colocou sua face para ser representada por uma estrela LGBTQ+, o que acolhe a causa da comunidade e tenta incentivar que o alvo daquela propaganda conscientize-se sobre o assunto.

## 5. CONCLUSÃO

A tradicionalidade social em grande maioria repudia o que se difere de sua constância. Homens e mulheres portando-se de maneira conservadora e “politicamente correta”, preceitos estes que são normalmente fruto do reflexo cristão sobre a sociedade, enxergam seu estilo de vida como o único adequado. Aquele que desafia suas regras é objeto de repúdio, e aí inicia-se uma espécie de revolução social. Algo que sempre esteve vedado em meio às sociedades preconceituosas e segregantes é tratado como novo e negativo, como se não houvessem exemplos comprovados na antiguidade que se encaixam à cultura LGBTQ+ e à igualdade de gênero.

O século XXI é o momento de quebrar padrões e paradigmas que repreendem grupos que remam diferente à maré de costume da grande maioria. É necessário sobrepor palavras de amor e paz ao ódio, que planta o preconceito e germina seus seguidores através de um reflexo do passado. Agarrar-se fielmente ao

que nunca vai evoluir atrapalha o futuro, fazendo com que setores sociais que deveriam estar se desenvolvendo em meio a sociedade fiquem para trás.

É importante como a segunda década do século XXI tem sido importante para o crescimento da figura LGBTQ+ em meio à publicidade e a propaganda, principalmente a da drag queen. O tratamento normalizado dessas imagens nas campanhas, sem torná-las motivo de comicidade e tratando-as em sua verdadeira natureza, procura sobrepor a visão preconceituosa de certos indivíduos, dando o exemplo de que pode-se estender a mão à lutas diferentes da sua.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMANAJÁS, Igor. **Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**, 2014.

BAGGIO, Adriana Tulio. **A temática homossexual na publicidade: representação e estereótipos**, 2009.

CHIAD, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**, 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação**, 2012.

MOLINA, Luana Pagano Peres. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual**, 2011.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

POMBO, Mariana Ferreira. **Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer**, 2017.

SANTOS, Andressa Regina Bissoloti dos; SILVA, Henrique Kramer da Cruz e. **Identidade LGBT e capitalismo: a construção histórica da homofobia e as estratégias jurídicas para seu combate**, 2013.

SILVA, Heitor; BANDEIRA, Álamo; BARROS, Simone. **Cultura Drag Queen: O que leva uma pessoa a se montar**, 2017.